



Ano X – Outubro – 2013

Capoeira como instrumento de educação

Professor Ratinho

As manifestações culturais como o Batuque, Jongo, Umbigada, Congadas, Capoeira e outras fazem parte de um acontecer marcado pela desigualdade imposta pela escravidão, por isso estão impregnadas do espírito de resistência. Os negros criaram e recriaram uma cultura que não só os identificava em sua condição social como os distinguia em seus interesses de dominados frente aos dominadores. Foi ela, por ser produto comum, que unia as várias nações africanas, trazidas para o Brasil para um mesmo destino de escravo. Essas nações, jogadas na promiscuidade da escravidão, deram lugar a uma cultura que, embora de raízes múltiplas e de experiências diversas, tinha como traço essencial um cotidiano comum e um fazer coletivo que a todos identificava. No plano cultural, a cultura negra revelava, não só o outro lado da sociedade dos senhores como lhe antepunha a insubmissão no não aceitar outra cultura que não fosse a sua própria. Se no plano das relações econômicas e sociais não lhe fora possível evitar a desonra e a ignomínia, no plano cultural, onde a liberdade é mais difícil de ser tolhida, respondia com a resistência de suas construções inconfundíveis e com a arte que a todos libertava.

Hoje, ao se praticarem essas tradições afro-brasileiras, muitas de suas formas são esquecidas, porque esquecido também ficou o espírito que lhes deu origem. A substituição tão frequente dessas formas pelo Funk, Rappi e outros modismos divulgados pela mídia, faz com que ao se perder sua mensagem de preservação de um segmento social, que menos não era do que a própria força produtiva do país, também se perca a inspiração de resistência e luta frente às desigualdades de hoje. Ao transformá-las em mero objeto de consumo de massa, abandona-se sua trajetória histórica e a sua diferenciação numa sociedade em que toda ideologia pretende apresentá-la como igual. Poucos entendem ainda a importância de resguardar identidade de uns e de outros num mundo de oposições, ao mesmo tempo que insistem na necessidade de despertar consciências.

No caso da capoeira, nota-se uma série de modificações sofridas em detrimento de sua expressão cultural. Dias Gomes, através de suas observações, assim definiu o jogo da capoeira:

“Capoeira é luta de bailarinos. É jogo, é bailado, é disputa. Única em que os movimentos são comandados pela música e pelo canto. Na capoeira, os contendores não são adversários, são camaradas que procuram, genialmente, dar visão artística de um combate. Acima do espírito de competição, há neles um sentido de beleza. música de religião africana ou músicas de blocos afros, como o Olodum.

Na roda de capoeira os camaradas agora são adversários e procuram quase sempre quebrar o outro, numa agressividade fora do comum, muito incentivada pelos campeonatos. Contagiada por outras lutas, passa a imita-las, buscando espaço no comércio das artes marciais. Pior é que a mandinga, a malícia, a malandragem e o fundamento de sua técnica estão perdendo lugar para os golpes de pernadas (estilo ventilador), socos e agarramentos de toda ordem.

Infelizmente, as distorções não param por aí. Os capoeiristas de hoje esqueceram a humildade (qualidade essencial do capoeirista), particularmente a de buscar a verdadeira capoeira com os antigos mestres, netos de escravos, que ainda praticam essa arte. Destaca-se, entre outros, Mestre João Pequeno (aluno de Mestre Pastinha), que em 1988 participou de um encontro de capoeira na Casa de Cultura Mário Quintana, oportunidade em que colocou a diferença entre a antiga capoeira e contemporânea: “Antigamente a capoeira era mais perigosa e menos agressiva; hoje, ela é mais agressiva e menos perigosa”. Só por essa observação notamos a distância que a capoeira se encontra de suas raízes.

A falta de humildade também se manifesta no que diz respeito à sua história. A capoeira não nasceu do abstrato, mas da vida, como uma das tantas respostas a seus embates e a seus desafios. Foi ato afirmativo, gesto de identidade, ação de superação no plano individual e desejo coletivo de vencer. Por essas e outras razões não podemos tratar, alienadamente, as manifestações culturais de um povo, enfatizando apenas seu aspecto pictórico e externo, apenas sua capacidade de entretenimento. Sobretudo quando se faz delas material para a educação não-formal, com vistas à formação da cidadania.

Há muito por fazer ainda na construção de uma outra sociedade mais justa, menos desigual, que se harmonize com a ecologia. É Indispensável rever nossos valores substituindo a competição, o individualismo e a ganância, pelo espírito comunitário. A todos nós cabe uma opção frente ao mundo: ou trabalhamos na reprodução da sociedade que está aí, adestrando o homem para aceitá-la, ou nos engajamos na sua transformação, começando pela retificação dos valores e atitudes do homem, incompatíveis com as mudanças desejadas. Não existe meio-termo. Permanecer indefinido é simplesmente aceitar a situação sem comprometimento de qualquer espécie.

Para a primeira opção, é melhor que não tomem conhecimento da capoeira, pois se o fizerem certamente irão transformá-la em objeto de consumo, elitizando-a e colocando-a a serviço dos interesses dominantes. Para a segunda, é importante contar com sua

participação, assim como todas as demais manifestações populares, pois só se construirá uma nova sociedade em comunhão com o povo conscientizado.

A capoeira tem muito que ensinar a todos. Ela é luta, é dança, é expressão corporal, é técnica, enfim, é cultura. Isso significa que deve estar a serviço da educação como prática ligada as necessidades básicas de nossa gente, nos aspectos físicos, psíquicos e culturais.

Precisa-se, hoje, de uma metodologia baseada na cultura popular, para que se possa resgatar a história e a identidade nacionais.

A capoeira está enraizada no plano histórico-sócio-político-econômico de nosso povo. É fundamental vê-la dessa forma. É importante o reconhecimento dos mestres autênticos da capoeira como postura básica, a fim de preservar essa fonte de cultura e dispensar a ela o cuidado que merece. Será tão difícil entender o papel de uma genuína cultura nacional na preservação da unidade de um país e como elemento subsidiário de conscientização de um povo nas propostas de caminhos que o conduzirão a novos patamares de convivência e realização?

É dentro desta perspectiva que temos de idealizar nosso trabalho. No fundo, ela parte do princípio de que ensinar pressupõe confiança e instrumentos que identifiquem alunos e professores. Não pode haver distâncias entre eles sob pena de não haver comunicação. As populações mais humildes e desprovidas geralmente não são atingidas pelas formas convencionais do ensino oficial. Acontece que eles são a maioria e por isso são os maiores interessados em criar um mundo onde tenham lugar. A capoeira pode ser um dos instrumentos nessa educação para as massas.

Nas comunidades existe um campo de cultura e artes, portanto lugar ideal para desenvolver a capoeira. Uma instituição que promove cultura, independentemente de seus vínculos administrativo-burocráticos, tem um papel importantíssimo na aglutinação e desenvolvimento de atividades que valorizem as diversas formas pelas quais se plasmou o acontecer de um povo e se cristalizou sua experiência. A prática diária, com a verdadeira cultura popular é sempre oportunidade de afirmação nacional e de inspiração à criatividade autênticas.

Por isso, toda a preocupação é saber como as comunidades pretendem expandir a capoeira nos centros comunitários. Será a de resgatar valores e fundamentos da capoeira que estão esquecidos, dar-lhe uma proposta mais ampla em termos culturais com o propósito de retirá-la desse reducionismo desportivo que lhe foi imposto e, ao mesmo tempo, ser um instrumento de educação popular junto à comunidade? Ou, ao contrário, a ideia é de fazê-la apenas uma atividade (atividade pela atividade), através de oficinas onde osicineiros não tem nenhum comprometimento com a cultura nacional, mesclando modismos vindos das Artes Marciais ou da Ginástica Olímpica (acrobática), impostas pelas Federações e pelas Escolas de Educação Física?

A predominar a segunda alternativa, perder-se-ia uma excelente oportunidade de fazer da capoeira um instrumento de conscientização e de esclarecimento, sobretudo nas camadas mais deserdadas da nossa sociedade. Perder-se-ia também a oportunidade de mostrar em que um governo popular se distingue, no campo cultural, de governos não populares, ao promover a cultura não só como meio de entretenimento e de lazer, mas também como elemento de conscientização e de despertar do homem comum, ou seja, do homem explorado.